

Toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul: motivações toponímicas e estruturas sintagmáticas

Rural Toponymy from the human's features of Mato Grosso do Sul: toponymic motivations and syntagmatic structures

Letícia Reis de OLIVEIRA*
Aparecida Negri ISQUERDO**

RESUMO: Este trabalho discute resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento que tem como objetivo mais amplo descrever e analisar a toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul em termos de motivação e de estrutura linguística. Neste artigo examinam-se topônimos compostos que nomeiam fazendas localizadas na mesorregião Centro-Norte do Estado do Mato Grosso do Sul, que abrange as microrregiões do Alto Taquari e de Campo Grande, com 16 municípios. O *corpus* relativo a essa área geográfica extraídos do Sistema de Dados do Projeto Atems¹ e dos mapas oficiais do IBGE escala 1:100.000 (2010) totalizou 1.113 designativos que foram analisados, segundo a motivação, seguindo o modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34), e conforme os constituintes sintáticos² dos topônimos compostos com base em Neves (2000). Os resultados do estudo

ABSTRACT: This study discusses the partial results of an ongoing research, which has as a broader purpose to describe and analyze the rural toponym of human feature in Mato Grosso do Sul in terms of motivation and linguistic structure. In this article, we examine the composed toponym that name farms located in Meso region of Center-North of Mato Grosso do Sul State, which encompasses the micro region from Alto Taquari and Campo Grande, in 16 cities. The *corpus* related to this geographic area were taken from the data system of the ATEMS's Project and from official IBGE's maps scale 1:100.000 (2010) getting a number of 1.113 designative that were analyzed according to motivation, following the taxonomic model of Dick (1992, p. 31-34), and according to syntactic constituents from the compound

* Mestre, doutoranda em Letras pela UFMS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5828-7812>, reis.oliveira90@gmail.com

** Doutora, professora da UFMS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1129-5775>, anegri.isquerdo@terra.com.br

¹ Atems – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul.

² Neste estudo foram considerados os constituintes sintáticos/sintagmas como componentes estruturais do topônimo composto (NEVES, 2000) como proposta de descrição da estrutura dos sintagmas compostos em função toponímica.

mostraram que os nomes de fazendas de estrutura composta evidenciam predominantemente as seguintes estruturas dos sintagmas: (Det. Num. + SN) “Dois Irmãos”; (SN+SN) “Maria Augusta”; (SN+ SA) “Terra forte”. Em termos de motivação, dentre as taxionomias de natureza física predominaram os *hidrotopônimos*, o que denota a influência do ambiente físico na nomeação das propriedades rurais, enquanto entre as taxionomias de natureza antropocultural destacaram-se os nomes de cunho religioso, os *hagiotopônimos*, atestando, assim, que o ambiente social e cultural do grupo, como a religiosidade reflete-se na nomeação de fazendas da região estudada. Para o estudo utilizam-se como referencial teórico, fundamentalmente, as contribuições de Dick (1990; 1992; 1997; 1998; 1999); de Sapir (1961) e de Neves (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia rural. Topônimo. Fazenda. Motivação. Estrutura sintagmática.

toponym based on Neves (2000). The results of this study present that compound farm names mainly highlighted the syntagmatic structure: (Det. Num. + SN) “Dois Irmãos”; (SN+SN) “Maria Augusta”; (SN+ SA) “Terra forte”. In terms of motivation, among the physical taxonomic nature domain the hydrotoponyms, showing the influence of physical environment in the naming of the rural areas, while among the taxonomic antropocultural nature highlight the names derived from religion, the *hagiotoponymy*, verifying, in this way, the social and cultural environment from the group and also the religiosity reflect in the naming of the farms from the studied region. The study is guided by the theoretical – methodological principles, mainly, contributions from Dick (1990; 1992; 1997; 1998; 1999); Sapir (1961) and Neves (2000).

KEYWORDS: Rural toponymy. Toponymy. Farm. Motivation. Syntagmatic Structure.

1 Introdução

A Onomástica é o ramo da Linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios em geral, sejam eles os de pessoas estudados pela Antroponímia, sejam os nomes próprios de lugares, investigados pela Toponímia. O topônimo (nome próprio de lugar) resulta da atividade humana de nomeação, por isso traduz o olhar do denominador sob o espaço geográfico denominado. Para tanto, o homem pode buscar motivações nos ambientes físico e sociocultural, razão pela qual o topônimo é carregado de sentidos históricos, sociais, culturais ou de traços do ambiente físico.

A investigação da toponímia de um determinado espaço geográfico pode revelar, dentre outras características, traços da cultura e de valores regionais que

facilmente se distinguem, se comparados os dados de uma região com outra, ou podem evidenciar traços similares que contribuem para o delinear de tendências na toponímia de uma determinada localidade, região. Em síntese, a toponímia favorece a identificação não apenas do espaço geográfico, mas também de características da atividade de nomeação realizada por um determinado grupo humano, um povo.

Este trabalho discute resultados parciais de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento, que tem como objetivo geral descrever e analisar a toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul em termos motivação e de estrutura linguística. Este artigo centra-se nos dados da toponímia da área rural da mesorregião Centro-Norte do Estado de Mato Grosso do Sul, que abrange duas microrregiões – Alto Taquari e Campo Grande – e 16 municípios. A análise motivacional toma como parâmetro o modelo de Dick (1992, p. 31-34). Para este trabalho foram selecionados os nomes compostos de origem portuguesa e, com base nesses dados, realizada a análise das estruturas sintagmáticas dos topônimos e sua relação com parâmetros extralinguísticos.

2 Pressupostos teóricos

O homem, desde as mais remotas eras, sempre sentiu a necessidade de nomear o espaço com a finalidade de “delimitar o lugar onde habita e exercer suas atividades profissionais” (ISQUERDO, 2012, p. 81), ou seja, nomear representa uma forma de apropriação do espaço geográfico pelo homem, uma forma de identificação do lugar por meio de um nome. A toponímia também perpetua a impressão do denominador por meio de marcas identificadoras sobre o referente nomeado. Numa pesquisa toponímica, além do estudo linguístico do topônimo, o signo toponímico, há que se relacionar o nome do lugar com a história local, com características culturais e étnicas de determinado grupo ou população.

A toponímia insere-se nas pesquisas sobre o léxico, mais precisamente os nomes próprios de lugares que implica discussões sobre o ato de nomear o espaço que pode resultar numa toponímia de caráter “espontâneo ou popular; ou sistemática ou oficial” (DICK, 1992, p. 49). No caso específico da toponímia de acidentes rurais – fazendas, chácaras, sítios, retiros, estâncias, rancho, vilas e povoados... – são espontâneas, ou seja, são nomes que provêm de alguma influência do espaço físico ou antropocultural nascida no seio da população.

É certo que, ao longo da heterogeneidade dos motivos designativos, uns surgem com maior insistência ou frequência que outros e que alguns mecanismos de nomeação são bem mais comuns em determinados estágios ou períodos da vida coletiva, como é o caso de nomes descritivos, que retratam o lugar em si, pelas próprias dimensões caracterizadoras (DICK, 1992, p. 49).

Nesse contexto, considera-se a toponímia rural como espontânea, sobretudo a relativa a acidentes físicos (nomes de rios, córregos, montanhas, serras...). A nomeação de propriedades rurais, por estas estarem inseridas em um ambiente em que aspectos físicos como fauna, flora e hidrografia se destacam, é também muito influenciada pela presença de fatores descritivos que apontam para a visão do denominador a respeito do local nomeado. Assim, na nomeação de acidentes humanos, concorrem fatores emotivos diretamente ligados à percepção do ambiente pelo denominador (propriedade de família, crenças religiosas, concretização de projetos de vida na aquisição da propriedade...) que extrapolam fatores físicos, evidenciando características geográficas singulares de um lugar, como já apontara Dick (1992, p. 49-50), pautando-se em Dauzat (1932). Isso se difere na toponímia urbana em que questões políticas e relações de poder estão mais explícitas, quando ruas são nomeadas com nomes de autoridades civis, militares e políticas, por exemplo.

Não é demais lembrar que a Toponímia centra-se em aspectos linguísticos e é considerada uma área de “...alcance pluridisciplinar” (DICK, 1995, p. 59). Isso ocorre

porque “a toponímia é um imenso complexo linguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não exclusivamente” (DICK, 1990, p. 35-36). Algumas áreas do conhecimento servem de suporte para a compreensão do sentido dos topônimos como a Geografia, a História, a Sociologia e a Antropologia, dentre outras.

O sintagma toponímico é estruturado por dois elementos, segundo Dick (1992, p. 10), o *elemento genérico* formado pelo nome do acidente geográfico denominado (rio, córrego, fazenda, sítio, cidade, rua, avenida...) e o *elemento específico*, o topônimo que identifica, qualifica e particulariza o espaço nomeado. Outra especificidade observada é a de que esses elementos podem figurar de forma justaposta, “rio das Amazonas”, ou aglutinada, muito comum em nomes de origem indígena, como por exemplo em “Parauna, rio negro” (DICK, 1992, p. 10). No *corpus* deste estudo (nomes de fazendas) relativo à toponímia da região Centro-Norte do Mato Grosso do Sul, como demonstrado neste artigo, os elementos aglutinados são mais raros e a formação por justaposição mais frequente, ou seja, elementos específicos de estrutura morfológica composta, o que motivou este estudo com maior foco na formação sintagmática desses topônimos. Nos casos em que o termo genérico estiver aglutinado ao específico, Dick (1992) recomenda explicações em torno da questão, verificando cada caso em particular, uma vez que em alguns deles o elemento genérico pode perder sua função própria e tornar-se um complemento ou um termo específico. Normalmente o termo genérico vem acompanhado de um termo específico, também de caráter qualificativo, casos considerados pela autora como de caráter mais descritivo. Essa característica foi evidenciada no *corpus* aqui examinado como demonstra a análise dos nomes de fazendas apresentada na sequência deste estudo.

Para Dick (1992, p. 22), a pesquisa toponímica revela a crônica de um povo e o seu testemunho histórico. Pautada também nesse princípio, Dick (1990; 1992) construiu postulados teóricos para o estudo da toponímia brasileira que inclui um

modelo de classificação de topônimos, organizado em duas grandes categorias: taxonomias de natureza física e taxonomias de natureza antropocultural. Para tanto, considerou o eixo da natureza e o eixo da cultura, eixo esse tomado como produto do homem. Assim, a proposta de taxonomias toponímicas de Dick (1990; 1992) pauta-se em teóricos da área da Toponímia como Dauzat (1926); Leite de Vasconcelos (1931) Stewart (1954), além da obra *Regiões Culturais do Brasil* de Diegues Junior (1960) e de estudo “[...] das motivações da nomenclatura geográfica e também de fatores ambientais, em sua dicotomia física e antropocultural com base na teorização de Sapir (1961) [...]” (DICK, 1992, p. 25).

Segundo a sua última versão (DICK, 1992, p. 31-34), o modelo reúne 27 taxes, 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural. Os quadros 1 e 2 a seguir reúnem as taxes que formam o modelo taxeonômico de Dick (1992, p. 31-34) com exemplos do *corpus* examinado para este texto: nomes de fazendas localizadas na Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul. Quatro taxes não tiveram representatividade nesse universo estudado: *cardinotopônimo* (natureza física) e *poliotopônimo*, *mitotopônimo*, *etnotopônimo* (natureza antropocultural). Nesses casos, os exemplos inseridos nos quadros são de Dick (1992) e do Sistema de Dados do Projeto Atems e neles foi indicado, entre colchetes, o acidente nomeado.

Quadro 1 – Taxeonomias de natureza física (DICK, 1992).

Taxeonomia	Fatores motivadores	Exemplos
Astrotopônimo	“...corpos celestes em geral” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Estrela do Norte; Sol Nascente</i>
Cardinotopônimo	“...posições geográficas em geral” (DICK, 1992, p. 31).	[Lagoa] <i>do Sul</i> (DICK, 1992, p. 31).
Cromotopônimo	“...escala cromática” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Branca II; Verde Índia</i>
Dimensiotopônimo	“...características dimensionais dos acidentes geográficos” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Alto Alegre</i>
Fitotopônimo	“...índole vegetal” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Buriti Alegre; Palmito Alegre; Árvore Só</i>

Geomorfotopônimo	“...formas topográficas” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Furna do Engano; Morro Alto; Serra Meia Lua</i>
Hidrotopônimo	“...acidentes hidrográficos” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Córrego Goiano; Baía do Búfalo; Água Santa; Cabeceira do Buriti</i>
Litotopônimo	“...nomes de índole mineral, relativos também a constituição do solo” (DICK, 1992, p. 31)	<i>Barro preto; Pedra Bonita; Furada; Terra Forte</i>
Meteorotopônimo	“...fenômenos atmosféricos” (DICK, 1992, p. 32)	<i>Cruzeiro I</i>
Morfotopônimo	“...sentido de forma geométrica” (DICK, 1992, p. 32)	<i>Triângulo II</i>
Zootopônimo	“...nomes de índole animal” (DICK, 1992, p. 32)	<i>Onça de Joaquim Soares; Quati de Clarindo Barbosa</i>

Fonte: elaborado pelas autoras com base em Dick (1992, p. 31-32).

Quadro 2 – Taxeonomias de natureza antropocultural (DICK, 1992).

Taxeonomia	Fatores motivadores	Exemplos
Animotopônimo	“...relativo à vida psíquica, à cultura espiritual [...]” (DICK, 1992, p. 32).	<i>Boa Esperança; Boa Sorte; Lembrança de José Barbosa; Bom Jardim Aparecida</i>
Antropotopônimo	“...relativos a nomes próprios individuais” (DICK, 1992, p. 32).	<i>José da Farmácia; Paula Almeida; Tereza de Jesus; Ana Laura; Idalina Chaves; Eduardo Pereira</i>
Axiotopônimo	“...relativos a títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais” (DICK, 1992, p. 32).	<i>Dom Luiz</i>
Corotopônimo	“...relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes” (DICK, 1992, p. 32)	<i>Brasil Novo</i>
Cronotopônimo	“...encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha” (DICK, 1992, p. 32).	<i>Novo Paraíso; Nova Prata; Nova Aliança</i>
Ecotopônimo	“...relativos às habitações de um modo geral” (DICK, 1992, p. 33).	<i>Casa Amarela; Ranchão Velho</i>
Ergotopônimos	“...relativos aos elementos da cultura material” (DICK, 1992, p. 33).	<i>Moinho de Vento; Cabo de Aço</i>
Etnotopônimo	“...referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)” (DICK, 1992, p. 33).	<i>[Córrego] Caraja Cuê (ATEMS/2019)</i>

Dirrematopônimo	“...constituídos por frases e enunciados linguísticos” (DICK, 1992, p. 33).	<i>Deus Proteja; Gera Boi; Linda-Flor</i>
Hierotopônimo ³	“...relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc.” (DICK, 1992, p. 33).	<i>N. S. Aparecida do Norte; N. S. Aparecida; Santa Cruz; Capelinha; S. Cruz do Sertãozinho de Edson Zapeg; Bom Jesus</i>
Hagiotopônimo	“...relativos aos santos e santas do hagiológico romano” (DICK, 1992, p. 33).	<i>São Judas Tadeu; Santa Luzia Corixão; Santa Maria da Serra; Santa Maria do Lago Azul</i>
Mitotopônimo	“...relativos à entidades mitológicas” (DICK, 1992, p. 33).	<i>[Lago] Curupira; [Ribeirão] Saci (DICK, 1992, p. 33).</i>
Historiotopônimo	“...relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes” (DICK, 1992, p. 33).	<i>Independência</i>
Hodotopônimo	“...relativos às vias de comunicação rural ou urbana” (DICK, 1992, p. 33).	<i>Pontilhão do Rio Verde; Ponte do Floriano</i>
Numerotopônimo	“...relativos aos adjetivos numerais” (DICK, 1992, p. 33).	<i>Dois meninos do Piquiri; Dois irmãos; Dois córregos</i>
Poliotopônimo	“...constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoado, arraial” (DICK, 1992, p. 33).	<i>[Fazenda] Vila Rica (ATEMS/2019)</i>
Sociotopônimo	“...relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, páteo, praça). (DICK, 1992, p. 33).	<i>Leilão do Piquiri</i>
Somatotopônimo	“...relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal” (DICK, 1992, p. 34).	<i>[Fazenda] Coração de Menina (ATEMS/2019)</i>

Fonte: elaborado pelas autoras com base em Dick (1992, p. 32-34).

³ As taxes *hagiotopônimo* e *mitotopônimo* são consideradas por Dick (1992) como subcategorias do *hierotopônimo* que, por sua vez, cobre os nomes sagrados em geral, por isso essas duas subcategorias são computadas em termos numéricos na taxie mais ampla (*hierotopônimo*).

Em síntese, ao elaborar esse parâmetro metodológico, Dick (1990; 1992) teve como propósito estabelecer diretrizes gerais de classificação dos topônimos com base, fundamentalmente, em critérios linguísticos (o significado do nome no léxico da língua embasa a classificação: nomes de plantas → fitotopônimos (*Buriti Vermelho*); nomes de água → hidrotopônimos (*Cachoeira Grande*); nomes de solo → litotopônimos (*Barreiro Eduardo Fernandes*); nomes de santos → hagiotopônimo (*Santa Luzia do Corixão*); nomes de pessoas → antropotopônimos (*Fábio Augusto*); nome de profissões → sociotopônimo (*Garimpo Velho*). Parâmetros dessa natureza reduzem probabilidades de equívocos em relação à delimitação da motivação toponímica. Não é demais lembrar que a primeira versão desse modelo foi proposto por Dick em 1980 na sua tese de doutorado, publicada em 1990⁴, e posteriormente ampliado na configuração atual (DICK, 1992). Na atualidade, considerar possíveis influências do ambiente físico e sociocultural no ato denominativo, como fez a pesquisadora ao construir o seu modelo de classificação, continua sendo um imperativo, tendo em vista que as mudanças sociais e as influências ambientais são cristalizadas pelo homem em convivência em sociedade: “[...] uma influência ambiental, mesmo do caráter mais simples, é sempre consolidada ou mudada pelas forças sociais” (SAPIR, 1961, p. 44). Os topônimos são parte do léxico de uma língua e nitidamente também refletem a visão sociocultural de um povo, como já atestara Sapir (1961, p. 45):

O léxico de uma língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade [...].

Na toponímia rural o caráter descritivo é bastante marcante, principalmente nas taxonomias de natureza física que expressam a visão que o denominador teve do

⁴ Para este estudo foi consultada a versão publicada em forma de livro, ou seja, Dick (1990).

espaço denominado. Além disso, é comum os nomes de fazendas remeterem a particularidades que a propriedade rural desperta no seu proprietário, impressões positivas ou negativas, sensações associadas a suas tradições religiosas, dentre outros motivos.

Um aspecto a ser aqui pontuado diz respeito aos desafios que o avanço das pesquisas do Projeto Atems tem despertado à medida que os pesquisadores têm se deparado com novos dados com características particularizantes, como é o caso da toponímia dos acidentes humanos rurais, mais especificamente os nomes de fazendas, que têm evidenciado traços na estrutura do topônimo composto que apontam para uma clara necessidade de maiores reflexões teóricas.⁵ Grande contingente desses topônimos formados por justaposição apresentam ora duas unidades vocabulares, ligadas ou não por preposição (*Recanto das Garças*), ora enunciados, “unidades complexas do léxico” (BIDERMAN, 2005) (*Santa Maria da Serra*). Como o modelo de Dick (1990; 1992) considera, para fins de classificação, o primeiro elemento específico, o exame desses dados está exigindo novas reflexões acerca do termo específico composto e quem sabe um possível repensar do modelo nesse particular, pois, ao classificar um topônimo com esse tipo de estrutura apenas com base no primeiro elemento específico, muitas vezes se perde o efeito de sentido que o conjunto das unidades vocabulares evoca.

Em seu estudo sobre as unidades complexas, Biderman (2005), no exame de unidades fraseológicas e de provérbios, baseia-se na estrutura sintagmática para explicar formações dessa natureza no léxico comum e no especializado. Na tentativa de adotar essa diretriz como uma possibilidade de estudo para os topônimos compostos, neste trabalho apresenta-se uma reflexão focada na análise linguística do

⁵ Nesse particular cabe a ressalva de que Dick (1990; 1992) não analisou dados dessa natureza na concepção do seu modelo. Pautou-se em dados de todo o Brasil relativos à toponímia física e à macrotoponímia (nomes de estados, de cidades, de povoados...).

termo específico composto considerando as formações sintagmáticas com o intuito de aprofundar discussões e de trazer conclusões parciais a respeito dessa temática⁶. Questiona-se, pois, se o topônimo composto com as características a seguir detalhadas poderia ser considerado uma unidade lexical de estrutura complexa da língua, na acepção de Biderman (2005, p. 747), ou seja, “vários vocábulos e mesmo frases inteiras”.

Dick (1990, p. 76) já apresentara algumas tipologias de estruturas sintáticas: “substantivo + sufixo aumentativo; substantivo + sufixo diminutivo; substantivo (gen.) + adjetivo (esp.); substantivo (gen. topon.) + sufixo aumentativo + adjetivo (esp.); “[...] substantivo + adjetivo (Barra Grande)”. Tomando como referência essas tipologias dos topônimos, Dick (1990, p. 76-78) explica a sua proposta de classificação taxonômica, o que sugere a relação existente entre as formações dos sintagmas e as motivações, relação essa confirmada na análise dos dados para este estudo.

Para a análise sintagmática foi aqui considerada a classificação em (SN) sintagma nominal; (SA) sintagma adjetival; (SP) sintagma preposicional; (SV) sintagma verbal; (DET. Num.) determinante numeral, tomando-se como base a “Gramática de usos do Português” de Neves (2000) para o conceito das funções que formam os sintagmas da língua portuguesa. O sintagma nominal é basicamente composto por um substantivo que possui como uma de suas funções denominar (coisas, pessoas, fatos etc.), segundo Neves (2000, p. 68). Além disso, a classe dos substantivos divide-se em comuns e em próprios. O primeiro denomina com base na descrição do referente e pode aparecer como núcleo de sintagmas preposicionados ou não, enquanto o substantivo próprio denomina “um único referente” (NEVES, 2000, p. 68), ou seja, faz uma denominação individual. Sabe-se que o topônimo em si é um

⁶ Registre-se que não há evidências e nem intenção de considerar o topônimo como uma frase, mas unicamente descrevê-lo linguisticamente, visto que uma das hipóteses é que ele possa ser considerado como uma “unidade complexa do léxico” (BIDERMAN, 2005).

substantivo próprio, um nome próprio de lugar, mas no núcleo do sintagma nominal de um topônimo pode haver um substantivo comum, como por exemplo, em “Pai João” um topônimo constituído por dois sintagmas [SN + SN] e seus respectivos núcleos são [SN = substantivo comum + SN = substantivo próprio].

3 Metodologia

Como já anunciado, este estudo analisa dados da toponímia humana rural do Estado de Mato Grosso do Sul, localizado no Centro-Oeste do Brasil. Trata-se de uma região cuja localização favorece a passagem para várias outras do país e reúne uma população com características étnicas bastante particulares, dada a diversidade cultural ali existente. O estado é berço de muitas etnias indígenas reunindo, segundo o último censo do IBGE, a segunda maior população indígena autodeclarada do Brasil⁷. No processo de povoamento recebeu imigrantes e migrantes de diferentes localidades. Nas artes, na culinária, no folclore, na linguagem, por exemplo, é significativa a influência das culturas paraguaia, japonesa e árabe, além da herdada de brasileiros de diferentes estados do Brasil, particularmente os das regiões Sudeste, Nordeste e Sul. A região selecionada para este estudo abriga Campo grande, a capital do estado. Do ponto de vista geográfico é a mais centralizada do estado e faz fronteira com Mato Grosso e com outros municípios sul-mato-grossenses de mesorregiões distintas.

O desenvolvimento deste estudo obedeceu às seguintes etapas: i) coleta do *corpus*: 1.113 topônimos de estrutura morfológica composta, que nomeiam fazendas nos 16 municípios pertencentes às duas microrregiões (Campo Grande e Alto Taquari)

⁷ Mato Grosso do Sul abriga 73.295 indígenas (IBGE, 2010, p. 11), sendo a maior concentração de indígenas na região Centro-Oeste do Brasil (IBGE, 2010, p. 15) e a segunda maior do Brasil (IBGE, 2010, p. 11). Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 29 jul. 2019.

pertencentes à Mesorregião Centro-Norte/MS, tendo como fonte da coleta o Sistema de Dados do Projeto Atems e os mapas oficiais do IBGE, referentes aos municípios da área investigada, escala 1:100.000 (IBGE, 2010)⁸; ii) registro dos dados em planilha específica contendo as informações necessárias para subsidiar a análise posterior dos dados⁹; iii) classificação dos nomes de fazendas conforme o modelo taxonômico de Dick (1992, p. 31-34) e descrição da estrutura sintagmática dos topônimos compostos (NEVES, 2000); iv) análise quantitativa e qualitativa dos designativos compostos considerando a formação sintagmática e a motivação toponímica com ênfase na influência do ambiente no ato denominativo e a cristalização social.

Por fim, reitera-se que a análise pautou-se nos fundamentos teórico-metodológicos da Toponímia, em especial o construído por Dick (1990; 1992; 1995; 1997; 1998; 1999); em Sapir (1961) e em Neves (2000).

4 Discussão dos resultados

No exame das estruturas sintagmáticas dos topônimos compostos que nomeiam fazendas na região investigada, fundamentando-se na análise quantitativa dos dados, selecionaram-se as mais produtivas que foram agrupadas no gráfico a seguir.

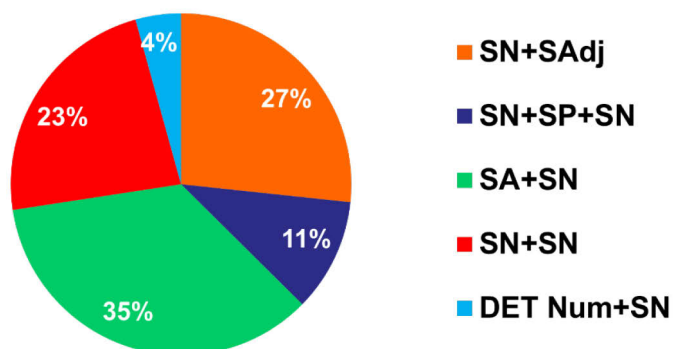
⁸

Fonte:

ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demo_grafico_2010/mapas_municipais_estatisticos/ms/. Acesso em: 29 jul. 2019.

⁹ A planilha está organizada em 20 colunas que contemplam dados relacionados à localização do topônimo (mesorregião; microrregião; município); dados de identificação do sintagma toponímico (elemento geográfico; tipo de acidente; área; topônimo; variantes); informações consideradas na análise (taxionomia; língua de origem; etimologia; estrutura morfológica; estrutura do sintagma; informações enciclopédicas; referências); dados relativos ao processo de coleta (fonte e data da coleta) e, por fim, informações acerca dos recursos humanos envolvidos (responsável pela coleta e revisor). Para tanto, pautou-se em Dick (2004) e em Dargel e Isquerdo (2019).

Gráfico 1 – Estruturas sintagmáticas mais produtivas nos topônimos compostos que nomeiam fazendas da Mesorregião Centro-Norte/MS.



Fonte: elaborado pelas autoras com base no *corpus* examinado.

Como demonstram os dados do gráfico, os padrões mais produtivos nos topônimos examinados foram [SA+SN]; [SN+SA]; [SN+SP+SN]; [DET. Num. + SN], o que confirma o apontado por Neves (2000) de que o adjetivo acompanha o substantivo, no caso do topônimo a função do adjetivo em [SA] é a de qualificar o substantivo. Assim, observa-se que o [SA] pode vir antes ou depois do substantivo. Essa formação apareceu nas taxonomias de natureza antropocultural, como em *Boa Sorte* → animotopônimo; *Nova Aliança* → cronotopônimo; *São Gabriel* → hagiotopônimo; *Boa Esperança* → animotopônimo. Já a estrutura [SN + SA] foi registrada de modo mais evidente nas taxonomias de natureza física: *Água Limpa* → hidrotopônimo; *Barro Preto* → litotopônimo; *Campo Alegre* → geomorfotopônimo, embora também tenham ocorrido registros nas taxonomias de natureza antropocultural como em *Brasil Novo* → corotopônimo.

A estrutura [SN + SP + SN], por sua vez, foi evidenciada em nomes de fazendas de natureza antropocultural e de natureza física: *Tereza de Jesus* → antropotopônimo; *Rita de Cássia* → antropotopônimo; *Cabeceira da Lontra* → hidrotopônimo; *Córrego da Porteira* → hidrotopônimo; *Morro da tigela* → geomorfotopônimo; *Vale dos buritis* → geomorfotopônimo; *Ponte do Taquari* → hodotopônimo.

Já os determinantes numerais figuram no início do sintagma [SN]: *Três Corações*; *Três Marias*; *Dois córregos*, representando um padrão que facilmente conduz à

interpretação da motivação como numerotopônimo. Quando o determinante numeral figura após o [SN] ou [SA] a classificação ocorre pelo primeiro elemento específico e por isso não são classificados como numerotopônimo (*Milena II*). No entanto, conforme Rocha Lima (1985, p. 95), os numerais poderiam ser classificados como adjetivos por acompanharem substantivos, como ocorre em *Dois Irmãos* [Det. Num. + SN]. Pode-se ainda considerar o valor adjetivo do numeral o que permitiria descrever essa formação como [SA+ SN].

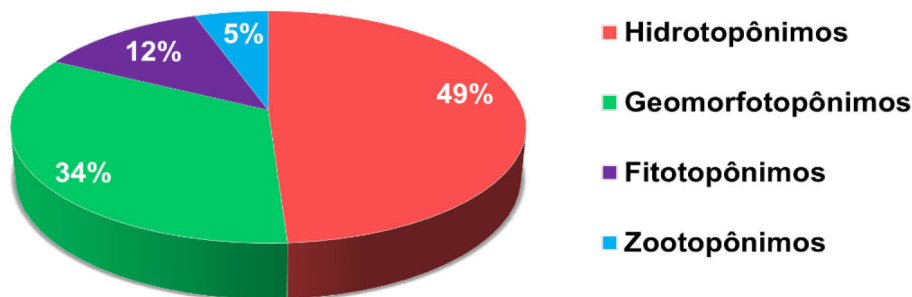
Os sintagmas preposicionais, por sua vez, foram marcados entre os sintagmas nominais, destacando-se, sobretudo, os topônimos motivados por nomes próprios de pessoas, os antropotopônimos. As preposições mais recorrentes foram [de + a = da]; [de + o = do], como ocorre em *José da Farmácia*; *Nelson de Lailo* e em *Recanto das Garças* [SN+SP+SN].

A análise da estrutura sintagmática dos designativos demonstrou ainda que no *corpus* investigado os sintagmas adjetivais são evidenciados como qualificadores que acompanham os substantivos. Uma das ocorrências mais evidentes foi a formada por adjetivos ligados a substantivos, exigindo a classificação para adjetivos qualificadores, “adjetivos eufóricos e disfóricos”, apontados por Neves (2000, p. 190). O primeiro diz respeito aos qualificadores que exprimem sensação positiva, enquanto o segundo remete a indicações negativas. Associando-se essa tendência aos padrões motivadores identificados na nomeação de fazendas da Mesorregião Centro-Norte/MS, as taxes de natureza física mais produtivas foram os *hidrotopônimos*; os *geomorfotopônimos*; os *fitotopônimos*; os *litotopônimos* e os *dimensiotopônimos* com um padrão sintagmático comum em diversas taxionomias: [SN + SA], sendo o “SA” formado sobretudo por adjetivos eufóricos (NEVES. 2000) como ocorre no litotopônimo *Terra Forte* e no fitotopônimo *Buriti Alegre*.

Entre as taxes de natureza antropocultural alçaram maiores índices de ocorrência os *hagiotopônimos*; os *animotopônimos*; os *antropotopônimos*; os

numerotopônimos e os hierotopônimos com predominância de formação de compostos com formação [SA+ SN], como no animotopônimo *Boa Sorte* e [SN + SN] ou [SN + SP + SN], respectivamente, nos antropotopônimos *Camilo Bonfim* e *Rita de Cássia*. No caso dos hagiotopônimos, as formações compostas se mostraram mais complexas, pois em alguns casos há o nome do santo aliado a uma característica do ambiente físico (*Santa Rita do Ribeirão*) com estrutura [SN + SN + SP+ SN], enquanto os hierotopônimos tendem a ter uma formação composta mais simples como [SN + SN], confirmada com *Cristo Rei*. No gráfico que segue pode-se atestar as taxas de natureza física mais frequentes no *corpus* em análise.

Gráfico 2 – Taxeonomias de natureza física mais produtivas nos nomes de fazendas compostos da Mesorregião Centro-Norte/MS.

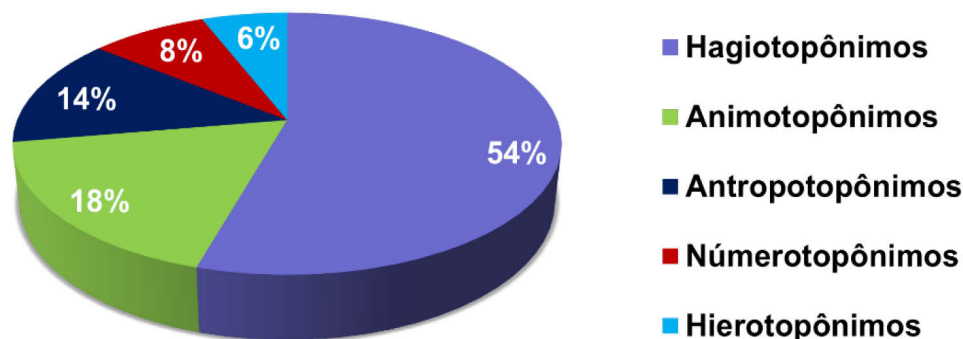


Fonte: elaborado pelas autoras com base no *corpus* examinado.

As motivações de natureza física da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul revelam o aspecto descritivo na toponímia como o apontado por Dick (1992), como a presença de características do ambiente físico, ou seja, a percepção do denominador é refletida no nome, ratificando a tese de Sapir (1961) acerca da relação entre léxico e ambiente. Além disso, os topônimos tornam-se convencionais, pois são ratificados pela comunidade, pelo social, pelo seu uso, por isso fazem parte de um pensamento

coletivo. No gráfico que segue observam-se dados relativos à produtividade das taxionomias de cunho antropocultural.

Gráfico 3 – Taxeonomias de natureza antropocultural mais produtivas nos nomes de fazendas compostos da Mesorregião Centro-Norte/MS.



Fonte: elaborado pelas autoras com base no *corpus* examinado.

As taxas de natureza antropocultural de maior produtividade foram, segundo o exposto no gráfico, os hagiotopônimos; os animotopônimos; os antropotopônimos; os numerotopônimos e os hierotopônimos. Assim infere-se que, quando se trata das motivações relacionadas à vida psíquica do homem, a religiosidade se destaca na toponímia rural, como uma homenagem ao santo de devoção do proprietário. A expressão de fé e de gratidão são sentimentos que podem ser expressos por meio de designativos dessas categorias. Nesse particular não pode ser desconsiderado o fato de a tradição religiosa católica ter sido marcante no Brasil desde o período colonial: “[...] Ninguém ignora, por exemplo, que o Brasil nasceu sob o signo da Cruz e da Fé, e é justamente nesses elementos que se deve ir buscar as raízes da toponímia religiosa nacional [...]” (DICK, 1990, p. 312). Desse modo, pode-se inferir que a toponímia da mesorregião estudada reitera uma herança cultural da toponímia de outros estados da Federação, como a do Paraná (ANANIAS, 2018) e a de Minas Gerais (CARVALHO, 2014), dentre outras. Tavares (2015, p. 114) também destaca essa mesma tendência com base em dados da toponímia sul-mato-grossense:

A análise dos dados evidencia que a cultura religiosa que sobressai na toponímia da região estudada é a portuguesa, já que santos da Igreja Católica sempre motivaram nomes de acidentes físicos e humanos não só na região desta pesquisa, mas em todo o território brasileiro.

Por fim, é preciso considerar a presença de um padrão toponímico tanto nas nomeações de natureza física quanto nas de cunho antropocultural, como a presença dos adjetivos eufóricos que, por sua vez, revelam a necessidade do homem de evocar sentimentos positivos em relação à propriedade, por meio da sua nomeação com topônimos de índole religiosa – hierotopônimos *Santa Fé do Rio Verde* e hagiotopônimos *São Sebastião do Buriti*.

5 Considerações finais

A análise do *corpus* possibilitou, além de uma primeira compreensão acerca da formação sintagmática dos topônimos compostos, a identificação de padrões específicos em termos de taxonomias, o que forneceu pistas para a confirmação do princípio de que a diversidade de estruturação sintagmática contribui para uma melhor interpretação da motivação dos nomes de fazendas aqui analisados. Em relação aos dados da Mesorregião Centro-Norte/MS, o estudo confirmou tanto tendências já observadas na toponímia rural em geral, como a valorização dos ambientes físico e sociocultural na nomeação de propriedades rurais e a expressão de fatores de caráter emotivo – manifestações de fé e de possíveis sentimentos despertados no denominador com a aquisição da propriedade – na forma de nomear as propriedades. Nota-se também a expressão emotiva da identidade do denominador não raro materializada por uma homenagem a alguém importante em sua vida. Essa complexidade de causas denominativas que envolvem o processo de nomeação do tipo de acidente selecionado para este estudo provavelmente pode se configurar como uma justificativa para a presença de nomes com características tão *sui generis* como denominação de fazendas, dentre outros já mencionados: *Barreiro Eduardo Fernandes*;

Samambaia de Ildomar; União de Coxim; Sonho meu; Vista linda. A continuidade da pesquisa poderá confirmar ou refutar essa hipótese que, por si só, já se instaurou como um novo problema a ser elucidado.

Referências

ANANIAS, A. C. C. S. dos. **Marcas de religiosidade na toponímia Paranaense**. 2018. 372f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul. **Sistema de Dados**. Campo Grande: UFMS, 2019 (uso restrito).

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ª ed., v. II, Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747-757.

CARVALHO, A. P. M. A. de. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. 2014, 822f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

DICK, M. V. de P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. A. Toponímia e Antroponímia no Brasil. **Coletânea de estudos**. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. de P. A. O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas. (Um estudo de caso: a Toponímia do Maranhão). In: **Revista Brasileira de Linguística**. São Paulo, v. 8, n. 1. p. 59-68, 1995.

DICK, M. V. de P. A. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897**. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

DICK, M. V. de P. A. Os nomes como marcadores ideológicos. **Acta Semiótica et Lingüística**. João Pessoa/PB, v. 7, n. 1, p. 97-122, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/16907>. Acesso em: 28 jul. 2019.

DICK, M. V. de P. A. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. **Investigação**. Linguística e Teoria Literária, Recife/UFPE, v. 9, p. 119-148, 1999.

IBGE. Mapas Municipais Censo Demográfico (2010) escala 1:100.000. Disponível em: ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/ms/. Acesso em: 29 jul. 2019.

ISQUERDO, A. N. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. (org.) **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Vol. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. Projeto ATEMS: parâmetros metodológicos. In: ISQUERDO, A. N. **TOPONÍMIA**. Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. Vol. II, Campo Grande: Editora UFMS, 2019, p. 19-64. Série Toponímia.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 26a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985 [1915].

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

TAVARES, M. Toponímia das localidades rurais do município de Dourados (MS). **Revista do Gel**. v. 12, São Paulo: UFSCar, p. 164-191, 2005.

Artigo recebido em: 31.07.2019

Artigo aprovado em: 11.10.2019